

## José Carlos Corrêa

Escreve aos sábados neste espaço

E-mail: jccorrea@redgazeta.com.br

Colatina, como todas as cidades que dependem do Rio Doce, sofre com as consequências da estiagem considerada uma das cinco piores em 70 anos

# Filete de água

É inacreditável que os colatinenses estejam correndo o risco de um racionamento de água, como revela a reportagem de Vilmaria Fernandes publicada em A GAZETA no último dia 14. Logo eles que têm o privilégio de conviver com o Rio Doce, que emoldura o belo espetáculo do pôr do sol, um dos orgulhos da cidade. As contas de água deste mês já conterão o alerta de que é preciso economizar para que a água não venha a faltar.

Colatina, como todas as cidades que dependem do Rio Doce, sofre com as consequências da estiagem considerada uma das cinco piores dos últimos 70 anos. Vilmaria, na reportagem, narra o drama do agricultor Lourival Ferreira de Melo, 67 anos, morador de Barra do Queixada, em Baixo Guandu: “Por onde passava o Doce, agora corre apenas um filete de água por uma vala”.

E não é por falta de aviso que o drama está se repetindo. Há um ano, o engenheiro florestal Henrique Lobo previu que o Rio Doce iria “virar um fio de água e muitos dos rios que o abastecem serão intermitentes”. Lobo estuda a bacia do rio há três décadas e revelou, naquela ocasião, que a vazão, que chegou a ser de 4 mil m<sup>2</sup>, agora não passa de 110 m<sup>2</sup>.

A Agência Nacional de Águas confirma as previsões de Lobo. Levantamento divulgado no mês passado mostra que não é só São Paulo que sofre com a estiagem. Em todas as bacias hidrográficas do Sudeste o volume de chuvas está inferior à metade do que era esperado.

De todas as soluções apontadas pelos especialistas, a que parece mais eficaz e factível é a proposta pelo Instituto Terra que, em Aimorés, provou ser possível fazer reaparecer nascentes ao transformar uma fazenda de gado, a Bulcão, em uma Reserva Particular do Patrimônio Florestal totalmente reflorestada. A proposta é recuperar mil nascentes na bacia por ano a um custo de R\$ 28 milhões.

O primeiro milhar já foi alcançado pelo projeto “Olhos D’água”, iniciado em 2010, executado em propriedades mineiras e capixabas. Através de ações simples, como o cercamento da nascente, o plantio de vegetação e a construção de fossas sépticas biodigestoras, o volume e a qualidade de água aumentaram.

Os poderes públicos não se mostram alheios ao problema. Em 2010, Minas e Espírito Santo firmaram um pacto de gestão integrada da Bacia do Rio Doce. Em agosto de 2013 foi assinado um protocolo de compromisso pela revitalização da bacia com a participação de empresas de porte como a Petrobras, a Veracel, a Usiminas, a Cenibra e a Fibria. Mas não há notícia de que tais iniciativas tenham surtido maiores efeitos práticos.

Enquanto isso, o Rio Doce agoniza. Até quando?